

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Artur Azevedo
A Pele do Lobo



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Artur Azevedo

A Pele do Lobo

(Teatro)

Publicado originalmente em 1877.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 505



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*A Pele do Lobo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

A PELE DO LOBO

COMÉDIA EM UM ATO

A Antônio Fontoura Xavier

PERSONAGENS

CARDOSO - subdelegado

AMÁLIA - sua mulher

APOLINÁRIO

PERDIGÃO

JERÔNIMO

MANUEL MARIA

VITORINO

O COMPADRE

UMA PARTE

Dois soldados da polícia

A cena passa-se no Rio de Janeiro. Atualidade.

ATO ÚNICO

Sala, secretária, relógio de mesa, etc., etc.

CENA I

CARDOSO, AMÁLIA (*Vestidos para a cerimônia e prontos para sair.*) UMA PARTE (*Que logo sai, à porta do fundo.*)

CARDOSO - Sim, senhor; sim, senhor! Pode ir com Deus. Descanse, que hoje mesmo serão dadas as providências que o caso exige.

PARTE - Às ordens de Vossa Senhoria. (*Retira-se.*)

CARDOSO - Safa!

AMÁLIA (*Erguendo-se.*) - Deixar-te-ão desta vez?

CARDOSO- E metam-se!

AMÁLIA - Hein?

CARDOSO - E metam-se a servir o país!

AMÁLIA - Para que aceitaste esta maldita subdelegacia?

CARDOSO (*Ainda passeando.*) - Eu não aceitei: pedi. Mas já tenho dito um milhão de vezes que os serviços prestados ao país e ao partido pesam muito no ânimo daqueles que me podem fazer galgar mais um degrau na escala social.

AMÁLIA - Deixa-te disso, Cardoso; um degrau dessa tão falada escala social, não vale decerto o sacrifício que te custa essa autoridade de ca-ca-ra-cá. São uns desfrutadores, eis o que são! Hás de ser pago com um pontapé. Verás!

CARDOSO - Hei de ser promovido na primeira vaga que aparecer. O Cantidiano está por pouco a bater a bota. Verás se o lugar é ou não é meu!

AMÁLIA - Fia-te na Virgem e não corras.

CARDOSO - E uma vez que aceitei o cargo...

AMÁLIA - A carga, deves dizer.

CARDOSO - Venha com ele o sacrifício. Antes de tudo o dever!

AMÁLIA - Estamos prontos para sair há duas horas.

CARDOSO (*Consultando o relógio de mesa.*) - Há duas horas e dois minutos.

AMÁLIA (*Embonecando-se ao espelho.*) - Creio que não chegamos a tempo para o batizado.

CARDOSO - Que remédio terão eles, senão esperar pelos padrinhos?

AMÁLIA - E o carro na porta há tanto tempo?

CARDOSO - Anda com isso, anda com isso! E metam-se!

AMÁLIA - Hein?

CARDOSO - E metam-se a servir o país!

AMÁLIA - Vamos. Não percamos mais tempo.

CARDOSO - Vamos . (*Vão saindo. Batem palmas.*)

AMBOS - Bateram.

CARDOSO - Quem é?

APOLINÁRIO (*Fora.*) - Sou eu.

AMÁLIA - Eu quem?

APOLINÁRIO (*No mesmo.*) - Um criado de Vossa Senhoria.

CARDOSO - Entre quem é.

AMÁLIA - Temo-la travada! (*Entra Apolinário. Pisa macio e fala descansado.*)

CENA II

Os mesmos e APOLINÁRIO.

APOLINÁRIO (*À porta do fundo.*) - Dá licença, senhor subdelegado?

CARDOSO - Entre, senhor. (*Vai outra vez por o chapéu na secretária.*)

APOLINÁRIO (*Entrando e sentando-se em uma cadeira que deve estar no meio da cena.*) - Não se incomode Vossa Senhoria. Estou muito bem. Vossa Senhoria como tem passado?

CARDOSO - Bem, obrigado. O que pretende o senhor?

APOLINÁRIO - Sua senhora tem passado bem, senhor subdelegado?

AMÁLIA - Bem, obrigada. O senhor o que pretende?

APOLINÁRIO - Ah! estava aí, minha senhora? Os meninos estão bons?

AMÁLIA - Que meninos, senhor?

APOLINÁRIO - Os seus filhos, minha senhora.

AMÁLIA - Não os tenho. E esta!

APOLINÁRIO - Pois levante as mãos pra o céu e dê graças a Nosso Senhor Jesus Cristo! (*Sinais de impaciência em Cardoso e Amália.*) Eu tenho três, três! Todos três machos, felizmente. Mas que consumição! Que canseira! Quando não está um doente, está outro; quando não está outro, está outro; quando não está nenhum, está a mãe; quando não está a mãe, está o pai. Às vezes estão, filhos e pais, todos doentes. É preciso chamar a vizinha para dar-nos qualquer coisa. É uma lida, minha rica senhora! Peça a Deus que lhe não dê filhos. Olhe... (*Mostra a cabeça.*) Não vê?

AMÁLIA - O quê? o quê?

APOLINÁRIO - Já estou pintando... Ainda anteontem... Anteontem não... Quando foi, Apolinário? Segunda... terça... Foi anteontem mesmo... Eu tinha acabado de tomar o meu banhinho e de ouvir minha missinha...

CARDOSO (*Interrompe-o.*) - Meu caro senhor, tomo a liberdade de preveni-lo que temos muita pressa e não, podemos perder tempo. Íamos saindo justamente quando o senhor entrou...

APOLINÁRIO (*Erguendo-se.*) - Nesse caso, senhor doutor...

CARDOSO - Perdão, não sou doutor.

APOLINÁRIO - Fica para outro dia... Eu vinha dar minha queixa, mas... (*Cumprimenta.*) Senhor doutor... minha senhora... (*Vai saindo.*)

CARDOSO - Venha cá, senhor: já agora diga o que pretende.

APOLINÁRIO (*Voltando-se e preparando-se como para um discurso, com força.*) - Senhor subdelegado...

CARDOSO - Não é preciso gritar tanto...

APOLINÁRIO - Esta noite fui roubado.

CARDOSO - Diga.

APOLINÁRIO - Dezoito cabeças de criação... dezoito ou dezenove... Ontem estive em nossa casa um cunhado meu, irmão de minha mulher, empregado no Arsenal de Guerra, e não tenho certeza de que ele levasse alguma galinha consigo, mas creio que não. Em todo caso, foram dezoito ou dezenove cabeças, não falando em um bonito galo de crista, que comprei no mercado, não há quinze dias.

CARDOSO - Muito bem. O senhor chama-se...

APOLINÁRIO - Apolinário, um criado de Vossa Senhoria.

CARDOSO - Apolinário de quê?

APOLINÁRIO - Apolinário da Rocha Reis Paraguaçu (*Dando um cartão*) Olhe, aqui tem Vossa Senhoria meu nome e morada.

CARDOSO - Bem; pode ir descansado, que serão dadas as providências que o caso exige.

APOLINÁRIO (*Preparando-se outra vez para um discurso e elevando muito a voz.*) - Ainda não fica nisso, senhor doutor!

CARDOSO - Já tive ocasião de dizer-lhe, primeiro, que não é preciso gritar tanto; segundo, que não sou doutor.

APOLINÁRIO (*Com a mesma inflexão, porém baixinho.*) - Não fica nisso. Eu conheço o gatuno!

CARDOSO - E por que estava calado?

AMÁLIA (*Não se podendo conter.*) - Com efeito, Senhor Paraguaçu!

APOLINÁRIO (*Atarantado.*) - Hein! (*Falando com cada vez mais descanso.*) Não conheço eu outra coisa! Chama-se Jerônimo de tal, um ilhéu, um vagabundo, que foi há tempo cocheiro de bondes e agora não sai da venda de seu Manuel Maria, ao qual dizem que vende por um precinho de amigo, o que ... (*Ação de furto.*) Vossa Senhoria sabe qual é a venda de seu Manuel Maria? É a que fica mesmo em frente à casa do meu cunhado, do mesmo que esteve ontem em nossa casa, e sobre o qual estou em dúvida se levou ou não alguma galinha. (*A Amália.*) Mas que bonito galinho, senhora! Vossa Senhoria dava oito mil réis por ele com os olhos fechados... Era branco, branquinho, como aqueles patinhos do Passeio Público. Uma crista escarlate! Que bonito galo!

CARDOSO - Vamos! Não temos tempo a perder! Faça o favor de sentar-se naquela mesa e dar a queixa por escrito.

APOLINÁRIO - De muito bom gosto, senhor doutor. (*Obedece.*)

CARDOSO - E o senhor a dar-lhe! Já lhe disse que não sou doutor.

APOLINÁRIO - Isso é modéstia de Vossa Senhoria.

AMÁLIA - Parece de propósito, Senhor Paraguaçu.

CARDOSO - Deixa-o para lá. (*Vai para junto de Amália.*) Que maçador! E metam-se!

AMÁLIA - Não chegaremos a tempo.

APOLINÁRIO (*À mesa.*) - Esta pena está escarrapachada, senhor subdelegado...

CARDOSO - Vou dar-lhe outra... vou dar-lhe outra...

AMÁLIA - Anda... Tem paciência... Acaba com isso. (*Cardoso vai abrir a secretaria e mudar a pena da caneta.*)

APOLINÁRIO - Muito obrigado! Que incômodo tem tomado Vossa Senhoria! Mas também não há quem diga à boca cheia: "Aquilo é que é um subdelegado! Zelo até ali... É o pai das partes!"

CARDOSO - Faça o favor de escrever o que tem de escrever...

APOLINÁRIO - Às ordens de Vossa Senhoria . (*Escreve.*)

CARDOSO (*Voltando para junto de Amália.*) - Decididamente peço a demissão!

AMÁLIA - Isso já devias ter feito há muito tempo.

CARDOSO - Olha que é bem difícil suportar uma maçada assim... E metam-se!

AMÁLIA - Hein?

CARDOSO - E metam-se a servir o país!

AMÁLIA - Pede demissão, Cardoso, pede demissão.

APOLINÁRIO (*Da mesa.*) - Senhor subdelegado, faça o favor de me dizer o modo por que devo principiar este requerimento... Em matéria de polícia sou completamente leigo... Diga-me só o cabeçalho... O cabeçalho! o resto vai...

CARDOSO - Aí, Senhor Paraguaçu! O senhor é maçante! Tenho estado a aturá-lo há meia hora!

AMÁLIA (*Olhando o relógio.*) - Há meia hora e sete minutos.

CARDOSO - Estamos muito apressados, meu caro senhor... não posso estar com isso...

APOLINÁRIO - Eu quis retirar-me quando Vossa Senhoria disse que ...

CARDOSO - Vamos lá! Escreva no alto — Ilustríssimo Senhor .

APOLINÁRIO - O Ilustríssimo Senhor — já cá está.

CARDOSO - Bem (*Ditando.*) — "O abaixo assinado, morador nesta freguesia, à rua de tal , número tal..."

APOLINÁRIO (*Escrevendo.*) - ... número treze...

CARDOSO - "Queixa-se a Vossa Senhoria de que, ontem, às tantas horas da noite..."

APOLINÁRIO - "Queixa-se" é com x ou ch?

AMÁLIA - Ó céus! (*Rindo-se.*)

CARDOSO - Como quiser! Não faço questão de ortografia.

APOLINÁRIO - Vai com ch. (*Acabando.*) ... "da noite"...

CARDOSO - Como está?! (*Vendo.*) Fulano de tal, tal, tal. Ah! (*Ditando.*) "Furtaram-lhe tantas galinhas..."

APOLINÁRIO (*Escrevendo.*) - ..."e um galo de crista"...

CARDOSO - "... as suspeitas de cujo furto faz recair em Fulano de Tal." (*Consultando o relógio.*) E metam-se!

APOLINÁRIO (*Escrevendo.*) - "Fulano de tal, vulgo Barriga-cheia". Pronto!

CARDOSO - Na outra linha: "Deus guarda a Vossa senhoria."

APOLINÁRIO - ... "a Vossa Senhora"...

CARDOSO - Na outra linha: "Ilustríssimo Senhor Subdelegado de tal freguesia."

APOLINÁRIO - Pronto.

CARDOSO - Assine.

APOLINÁRIO - ... "Apolinário da Rocha Reis Paraguaçu." (*Erguendo-se.*) Pronto.

CARDOSO - Bem; agora pode ir descansado, que serão dadas as providências que o caso exige.

APOLINÁRIO - Com licença, senhor subdelegado... Às ordens de Vossa Senhoria...

CARDOSO - Passe bem.

APOLINÁRIO - Minha senhora...

AMÁLIA - Viva. (*Volta-lhe as costas.*)

APOLINÁRIO - Sem mais incômodo. (*Saída falsa.*)

CARDOSO - Safa!

AMÁLIA - Saíamos, saíamos quanto antes! pode vir outro... (*Vão saindo.*)

APOLINÁRIO (*Voltando.*) - Ia-me esquecendo, senhor subdelegado...

CARDOSO - Outra vez!

AMÁLIA - Assustou-me até!

CARDOSO - O que mais deseja?

APOLINÁRIO - Hoje, logo depois do almoço, encontrei-me cara a cara com o tal Jerônimo!

CARDOSO - Que Jerônimo, senhor?

APOLINÁRIO - O Barriga-cheia, o tal que me furtou as galinhas...

CARDOSO - E o que tenho eu com isso, não me dirá?

APOLINÁRIO - Direi, sim, senhor. Com licença. (*Desce à cena e senta-se.*) Chamei-o de ladrão! Disse-lhe assim: "Você é um ladrão!" — Com licença da senhora...

AMÁLIA - E o que tem meu marido com isso?

APOLINÁRIO - É que o sujeito tomou três testemunhas, e diz que me vai processar por crime de injúrias verbais.

CARDOSO - Mas, enfim, faz favor de me dizer para que voltou cá?

APOLINÁRIO - Vim prevenir a Vossa Senhoria de que...

CARDOSO - Vá prevenir ao diabo que o carregue!

APOLINÁRIO (*levantando-se.*) - Senhor doutor.

CARDOSO (*Gritando.*) - Já lhe disse que não sou doutor!

APOLINÁRIO (*Imitando-o*) - Isso é modéstia de Vossa senhoria!

CARDOSO - Saia! Ponha-se ao fresco! Supõe o senhor que sirvo de joguete?

APOLINÁRIO - Mas Vossa Senhoria...

CARDOSO - Saia!

APOLINÁRIO - É que ...

AMÁLIA - Oh! senhor, já é a terceira vez que se lhe diz - saia.

APOLINÁRIO - Minha senhora, eu...*(Tornando a sentar-se, com todo o sossego.)* Com licença...

AMÁLIA - Oh! isto é demais!

CARDOSO - Então, não ouve!

APOLINÁRIO - Quero justificar-me!

CARDOSO *(Ameaçador.)* - Cuidado, Senhor Paraguaçu!

APOLINÁRIO - Bem, Vossa Senhoria está em sua casa: manda. *(Levantando-se e cumprimentando.)* Às ordens de Vossa Senhoria.

CARDOSO - Viva! Há mais tempo! *(Passeia agitado.)*

APOLINÁRIO - Minha senhora...

AMÁLIA - Passe bem. *(Saída falsa de Apolinário.)* Que inferno! que inferno! E metam-se!

APOLINÁRIO *(Voltando.)* - Acredite senhor doutor, que eu não queria de forma alguma...

CARDOSO *(Desesperado.)* - Ah! ele é isso? *(Agarra uma cadeira e levanta-a, correndo para Apolinário.)*

AMÁLIA *(Muito aflita.)* - Ah! *(Suspende o braço de Cardoso. Ficam todos numa posição dramática.)*

APOLINÁRIO *(Com todo o sangue frio.)* — *Tableau.* *(Desaparece.)*

CENA III

Cardoso e Amália.

CARDOSO - Vês, Sinhá, vês como um homem se deita a perder?

AMÁLIA - Sim, sim, mas vamos, anda daí!

CARDOSO (*Caindo na cadeira que tinha nas mãos.*) - E que dor de cabeça fez-me este bruto!... E metam-se.

AMÁLIA - Hein?

CARDOSO - E metam-se a servir o país!

AMÁLIA - Espera... vou buscar a garrafinha de água-florida. (*Sai e volta com a garrafinha.*)

CARDOSO - Depressa... depressa, Sinhá! (*Amália esfrega-lhe as fronte com água-florida.*) Bem... basta... está pronto... Aí! que ferroadas! deita a garrafinha em cima a mesa e vamos, vamos! (*Amália deita a garrafinha sobre a mesa e vai dar o braço a seu marido.*)

AMÁLIA - Vamos! (*Saem e voltam.*) Esqueci-me do leque. (*Entra à direita baixa.*)

CARDOSO (*Falando para dentro.*) Que demora, Sinhá, que demora! Ainda há de vir alguém, verás! (*Passeia.*) Então não achas esse leque! Aí! minha cabeça! E metam-se! (*Quebra-se alguma coisa dentro.*) O que foi isso?! O que foi isso?! (*Corre também para a direita baixa.*)

AMÁLIA (*Dentro.*) - O meu frasco de água da Colônia!

CARDOSO (*Dentro.*) - Que pena!

AMÁLIA (*Dentro.*) - Ah! cá está o leque! (*Voltam à cena, de braço dado e dirigem-se para a porta.*)

CARDOSO - Já estou suando. (*Procura nos bolsos.*) Não tenho lenço.

AMÁLIA - Oh que maçada! Quanto mais pressa, mais vagar. (*Sai correndo pela direita baixa.*)

CARDOSO - E metam-se, hein! E metam-se a servir o país!

AMÁLIA (*Voltando com um par de meias na mão.*) - Toma, toma... Apre! (*Dá-lho.*)

CARDOSO - Isto é um par de meias, Sinhá! Estás a meter os pés pelas mãos! (*Restitui-lho.*)

AMÁLIA - Como está esta cabeça, meu Deus! (*Sai e volta com um lenço.*) Toma... Vamos... uf!

CARDOSO - Vamos! (*Encaminham-se para a porta. Batem palmas.*)

AMBOS - Ah!

CARDOSO (*Fora de si.*) - Não estou em casa!

JERÔNIMO (*Aparecendo, de chapéu na cabeça.*) - Licença para um...

CENA IV

Os mesmos e JERÔNIMO.

CARDOSO - Então é assim que se entra em casa alheia?

JERÔNIMO (*Sombrio.*) - Assim como? A casa da autoridade é uma repartição pública. (*Deita no chão a cinza de um cachimbo; e escarra na parede.*)

CARDOSO - E que tal?

AMÁLIA - Vê o que ele quer, Cardoso?

JERÔNIMO - Venho preveni-lo de que é falso o que lhe veio hoje dizer um tal Paraguaçu, acerca de um furto de galinhas. É provável que ele lhe dissesse que eu, Jerônimo Linhares, vulgo Barriga-cheia, sou o autor desse furto, como andou por aí dizendo a quem quis ouvi-lo. É falso! (*Cospe outra vez na parede.*)

AMÁLIA (*Empurrando um escarrador com o pé.*) - Faz favor de não cuspir no chão... Aqui tem o escarrador... (*Jerônimo nem olha para Amália.*)

CARDOSO - Era só isso? Estou ciente.

JERÔNIMO - Não, senhor; por isto só não vinha eu cá, ora viva! Venho queixar-me do queixoso por crime de injúrias verbais. Chamou-me de ladrão, e se quiser o mais, mande aquela mulher para dentro. (*Cospe outra vez na parede.*)

CARDOSO - Pois apresente a queixa e as testemunhas.

JERÔNIMO - A queixa aqui está. (*Apresenta um papel sujo, que Cardoso pega com repugnância. Vai à porta do fundo.*) Ò compadre! Ó seu Manuel Maria! Ó seu Vitorino? podem entrar... Nada de cerimônias!

CARDOSO (*A Amália.*) - O tratante dispõe desta casa como se fosse sua!

CENA V

Os mesmos, MANUEL MARIA, depois O COMPADRE, depois VITORINO.

MANUEL MARIA (*Entrando.*) - Aqui estou eu!

COMPADRE (*Entrando.*) - E eu...

VITORINO (*Entrando.*) - E eu...

AMÁLIA - Cardoso, dize-lhes que venham em outro dia... (*À parte.*) Como cheiram a cachaça!

CARDOSO - Meus senhores, tenham a bondade de voltar amanhã.

JERÔNIMO - Aí vem o maldito sistema da demora e do papelório.

CARDOSO - Cala-te daí, insolente, que não tens autoridade para fazer considerações neste lugar... Apareçam terça-feira ou mesmo amanhã! Mas terça-feira é melhor, porque é o dia da audiência. Não posso estar agora com isto... Estamos prontos para sair há muito tempo!

AMÁLIA - Há três horas!

CARDOSO (*Consultando o relógio.*) - Há três horas e três minutos!

JERÔNIMO (*Cuspindo na parede.*) - Então, podiam ter dito logo! Escusava a gente de estar aqui à espera! É isto sempre! A autoridade vai para a pândega, e o povo que sofra!

CARDOSO - Insolente! Espera que te ensino! (*Agarra numa cadeira que está perto do toucador.*)

AMÁLIA - Cardoso! O que vais fazer?!..

JERÔNIMO - Ah! Ele é isso? (*Tira uma faca e deita a correr atrás de Cardoso. Amália fecha-se no quarto. As três testemunhas correm atrás de Jerônimo, para retê-lo. Cardoso apita.*)

MANUEL MARIA - O que é isto, seu Jerônimo?!

COMPADRE - Compadre, tenha mão!

VITORINO - Não se deite a perder!

(*Cardoso continua a apitar. Confusão.*)

AMÁLIA (*Grita de dentro.*) - Aqui d'el-rei!

CENA VI

Os mesmos e Dois Soldados.

SOLDADOS - O que é isto? o que é isto?...*(Correm todos em redor da cena.)*

CARDOSO - Prendam-no! prendam-no! *(Jerônimo é afinal preso.)* Levem-no! *(Os soldados levam o preso, Saem também as testemunhas.)*

CENA VII

CARDOSO e depois AMÁLIA.

CARDOSO *(Caindo extenuado em uma cadeira.)* - Uf!

AMÁLIA *(Entrando.)* - Feriu-te o maldito, feriu-te?

CARDOSO - Creio que não. *(Apalpando-se.)* Não feriu, não, Sinhá! Se não fossem as ordenanças que estavam na porta, a estas horas estavas viúva!

AMÁLIA - Credo! Viúva!

CARDOSO - Maldita subdelegacia! Maldita a hora em que aceitei semelhante cargo!

AMÁLIA - Como estás suando! Esta camisa é incapaz de aparecer no batizado...

CARDOSO - É verdade! O batizado! Vou mudar de camisa...

AMÁLIA - Mas isso depressa... depressa! *(Saída falsa de Cardoso.)* Ó Senhor Deus! Isto contado lá se acredita! É bem feito, senhor meu marido, é bem feito! Quem não quiser ser lobo, não lhe vista a pele. *(Rolo na rua. Apitos. Gritos. Pancadaria. Amália vai à janela.)* Que vejo! Uma malta de capoeiras! Cardoso! Cardoso! Não tardam a entrar...

CARDOSO *(Entra em mangas de camisa e com o fitão de subdelegado.)* - O que é isto? *(Espirra.)* Atchim! constipei-me... Atchim! O que é isto? Atchim! *(Sai a correr pelo fundo.)*

CENA VIII

Amália, depois Perdigão.

AMÁLIA - Meu Deus! Hoje parece ser o dia de São Bartolomeu! Se não anda o diabo solto na cidade, ao menos nesta freguesia..

PERDIGÃO (*Entra apressado pelo fundo, vestido para a cerimônia.*) - Ó compadre! Ó comadre!

AMÁLIA - Mais uma parte!

PERDIGÃO - Deixe-se de partes!

AMÁLIA - Meu marido não está... (*Reparando.*) Ah! é o compadre!

PERDIGÃO - Estamos até estas horas à espera do padrinho e nada!

AMÁLIA - Queixe-se da maldita subdelegacia, compadre! Estamos vestidos há três horas... (*Consultando o relógio.*) Há três horas e um quarto...

PERDIGÃO - Ora! Para que foi o compadre buscar sarna para se coçar...

AMÁLIA - O compadre não imagina! Quantas vezes, alta noite, está ele sossegado a dormir, quando, de repente, é despertado pelas malditas partes...

PERDIGÃO - Por força!

AMÁLIA (*Indo à janela.*) - Já está aplacado o rolo... (*Voltando.*) Hoje quase o matam!

PERDIGÃO (*Dando um salto.*) - A quem?

AMÁLIA - Ao Cardoso.

PERDIGÃO - Ah! Ele descia a escada com tanta impetuosidade! Ia em mangas de camisa e de fitão... Olhem que figura! Espirrava, que era um Deus nos acuda! "Viva!" Ihe disse eu; ele, porém, não me conheceu, apesar de responder: "*Dominus tecum*", em vez de: "Obrigado!"

CENA IX

Os mesmos e CARDOSO.

CARDOSO (*Entra e cai espirrando em uma cadeira.*) - Atchim!

PERDIGÃO - Viva!

CARDOSO - *Dominus te...* Quero dizer: Obrigado... Atchim! Ah! É o senhor, compadre? Desculpe.

PERDIGÃO - Já sei de tudo... Está mais que desculpado... Mas não perca tempo!

AMÁLIA - Sim, não percam tempo!

CARDOSO - Vamos! (*Ergue-se e deita o chapéu.*) - Estou pronto!

PERDIGÃO - Em mangas de camisa, compadre?

CARDOSO - É verdade! (*Corre ao quarto e volta vestindo a casaca.*)

AMÁLIA - De fitão, Cardoso?

CARDOSO - É verdade! (*Despedaça o fitão zangado.*) Atchim!

PERDIGÃO - Já leu o que traz hoje o *Jornal* a seu respeito?

CARDOSO - Já: descompostura bravia! É o pago que dão a tantos sacrifícios.

PERDIGÃO - Diga antes: é o castigo que infligem ao erro de aceitá-los.

AMÁLIA (*Impaciente.*) - Vamos embora! (*Vão todos saindo.*)

CENA X

Os mesmos e um Soldado.

SOLDADO (*a Cardoso.*) - Trouxeram este ofício e esta carta para Vossa Senhoria. (*Entrega a carta e o ofício e sai.*)

CARDOSO - De cá. (*Abrindo a carta.*) Com licença. (*Lê.*) É um bilhete em que o oficial do gabinete do ministro me participa haver sido outro nomeado para a vaga do Cantidiano... E metam-se!

PERDIGÃO - Hein?

CARDOSO - E metam-se a servir o país! (*Abrindo o ofício.*) Com licença! (*Depois de ler o ofício.*) Sabem o que é? Minha demissão.

PERDIGÃO E AMÁLIA - Demissão?

CARDOSO - Á vista do que a meu respeito tem aparecido na imprensa periódica!

PERDIGÃO - Não falemos mais nisso! Vamos embora.

CARDOSO - Poupou-me o trabalho de pedi-la.

AMÁLIA - Quem não quiser ser lobo...

PERDIGÃO - Mas o compadre acaba de despir a pele do lobo. (*Apanhando o fitão.*) Ei-la!

CARDOSO - Atchim! (*Saem juntos os três e cai o pano.*)

BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014